

Outras obras de Joseph O'Connor

LIVROS

Cowboys and Indians
Desperadoes
The Salesman
Inishowen
Estrela do Mar
Caminhos da Redenção
Ghost Light
The Thrill of it All
Shadowplay

CONTOS

True Believers
Where Have You Been?

TEATRO/DECLAMAÇÃO

Red Roses and Petrol
True Believers
The Weeping of Angels
Handel's Crossing
My Cousin Rachel
Whole World Round (em parceria com Philip King)
Heartbeat of Home (elaboração de conceito e composição)
The Drivetime Diaries (CD)

NA CASA DE MEU PAI

AMOSTRA
JOSEPH
O'CONNOR

TORDESILHAS

Rio de Janeiro, 2024

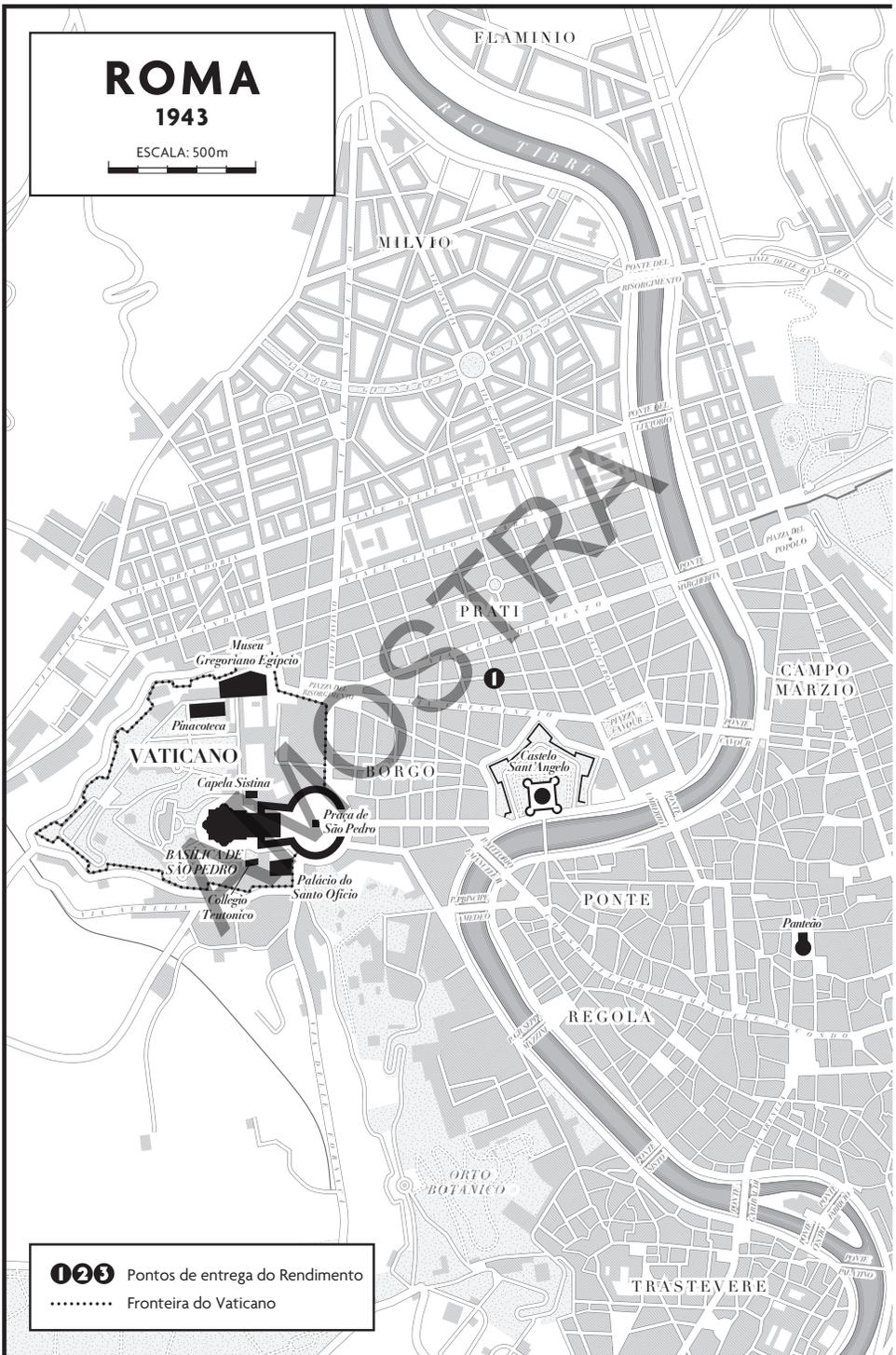
Para Emma, Laurence e Cormac, *un abbraccio*.

AMOSTRA

ROMA

1943

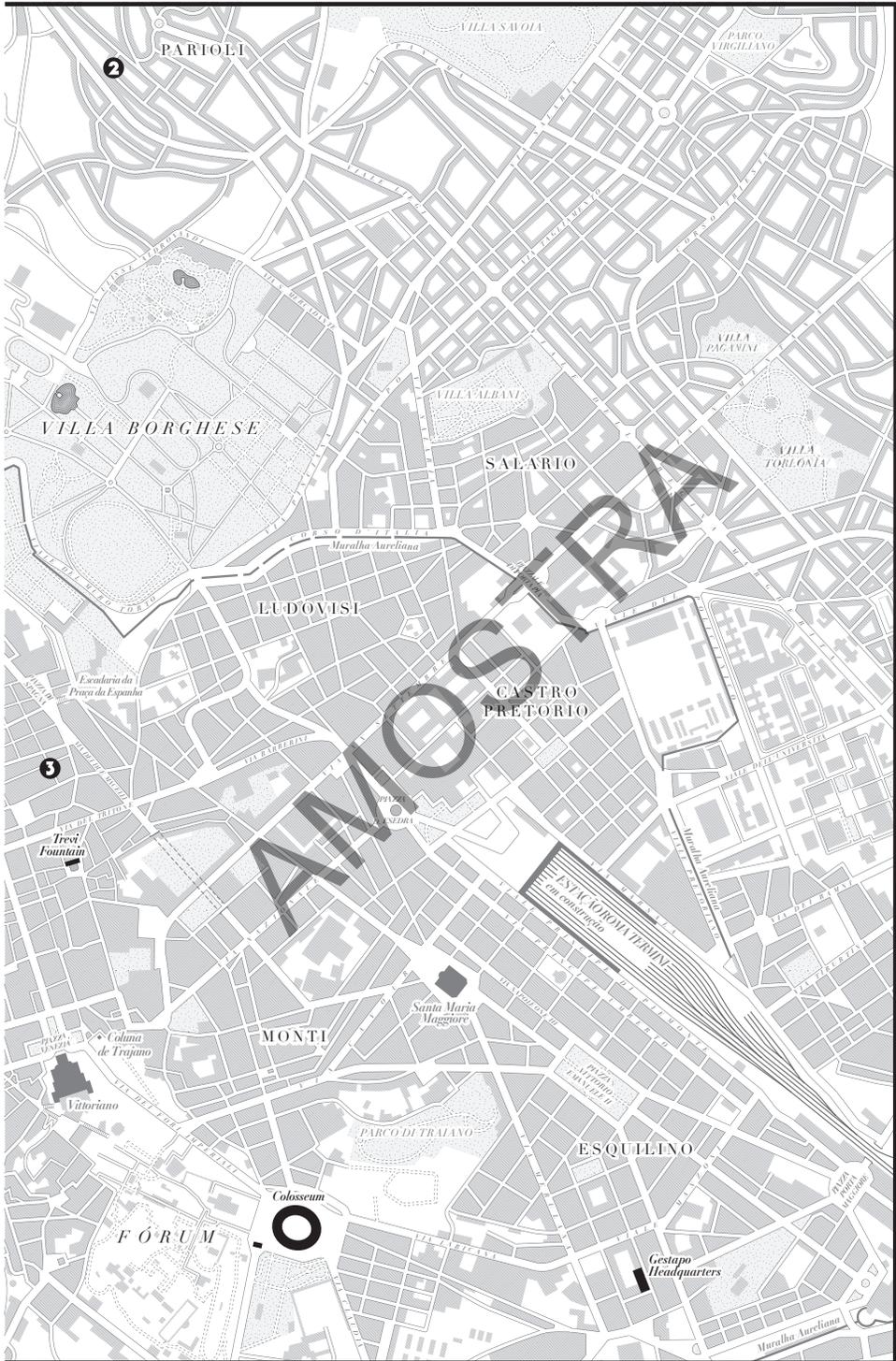
ESCALA: 500m



126

Pontos de entrega do Rendimento

..... Fronteira do Vaticano



2 PARIOLI

VILLA SAVOIA

PARCO VIRGILIANO

VILLA BORGHESE

VILLA ALBANI

VILLA PAGANINI

VILLA TORLONIA

SALARIO

LUDOVISI

CASTRO
PRETORIO

3

Trevi
Fountain

Escalinata di
Prova da Espanha

Santa Maria
Maggiore

STAZIONE ROMA TERMINI
più costruita

Colonna
de Trajano

MONTI

Vittoriano

PARCO DI TRAIANO

ESQUILINO

FÓRUM

Colosseum

Gestapo
Headquarters

Martha Aureliana

Mãe, pai e família amados. Esta é a última carta que escrevo, pois hoje serei fuzilado. Amada família, dei minha vida pelo meu país e por tudo o que me era caro. Rezo para que esta guerra acabe em breve para que todos possam viver em paz para sempre. Adeus. Com todo o meu amor, seu soldado, filho e irmão, Willie.

Carta escrita por um prisioneiro
de guerra escocês na Itália

ATO I

O CORO



Sopranos: Delia Kiernan, Marianna de Vries
Contralto: Contessa Giovanna Landini
Tenores: Sir D'Arcy Osborne, Enzo Angelucci, major Sam Derry
Baixo: John May
Maestro: monsenhor Hugh O'Flaherty

Setembro de 1943: forças alemãs ocupam Roma.

Paul Hauptmann, *Obersturmbannführer* e líder da Gestapo, governa com terror.

A fome se alastra. Os rumores se proliferam. O desfecho da guerra é altamente incerto.

Diplomatas, refugiados e prisioneiros aliados que conseguiram fugir arriscam a vida buscando abrigo no Vaticano, o menor país do mundo, com uma área de apenas 0,32 quilômetro quadrado, uma nação neutra e independente dentro de Roma.

Liderados por um padre corajoso, um pequeno e improvável grupo de amigos se vê diante de um perigo mortal.

Quando o Natal chegar, já não será mais possível voltar atrás.



1

Domingo, 19 de dezembro de 1943

22h49

119 horas e 11 minutos antes da missão

Austero e envolto em nuvens de fumaça cinzenta, um carro do modelo Daimler preto com placa diplomática avança rugindo pela Via Diciannove com pedrinhas de granizo batendo no capô. O reflexo do único poste de luz aceso cintila na poça suja e minguate, causada pelo transbordamento de um bueiro. As palavras “*morte al fascismo*”, pichadas em uma persiana, são iluminadas pelo letreiro neon quebrado, que piscava de forma irregular, de uma lanchonete.

Vermelho escarlate.

Esmeralda.

Branco.

Delia Kiernan, de quarenta anos, é a esposa de um diplomata. Os médicos a aconselharam a não fumar. Ela está fumando.

Faltando uma semana para o Natal, ela se encontra a quase dois quilômetros de casa. O suor faz a saia grudar na parte de trás da meia-calça enquanto ela engata com força a primeira marcha.

Um gemido de dor escapa do homem no banco de trás, que arranca as insígnias de suástica dos ombros.

O motor potente ronca. O sangue lateja nas têmporas dela. No painel há um mapa traçado às pressas de como chegar ao hospital pegando as ruas mais tranquilas; ela está pronta para amassá-lo e jogá-lo fora caso se depare com uma patrulha da SS, mas a escuridão torna os traços do lápis difíceis de ler. Além disso, quem os fez estava com a mão trêmula. Ela acende o isqueiro; o odor de combustível inflama o gemido dele.



Ao dobrar na Via Ventuno, o Daimler atinge uma lixeira, virando-a de ponta-cabeça. O conteúdo derramado se espalha e segue em direção ao bueiro, mas é atacado por um furacão de cães cadavéricos que irrompem como se fossem apenas um de portas mergulhadas na penumbra. O carro segue com os pneus cantando, sacolejando ao passar em lombadas, batendo a parte de baixo nos buracos, derrapando, fazendo curvas abertas, chacoalhando o painel e fazendo manobras nos paralelepípedos crivados de balas rumo a uma rua onde as folhas úmidas transformaram as pedras do calçamento numa pista de patinação.

O homem choraminga. Roga que se apresse.

Eles atravessam uma viela. Passam pela universidade que os invasores purgaram e incendiaram. O campo de futebol está sem rede, coberto de ervas daninhas, o buraco destinado a uma piscina se abre para a lua e quinhentas janelas estão estilhaçadas. Para ela, vem à tona a lembrança da fogueira de quadros-negros, de ver a fotografia no jornal na manhã do aniversário de dezoito anos da filha. Eles passam pelo imponente Coliseu, com seus inúmeros olhos ameaçadores, parecendo o esqueleto de um Kraken encalhado na costa.

Na outra extremidade da *piazza*, gárgulas espreitam da fachada austera de uma igreja. Ela pisca os faróis duas vezes.

São 23 horas. O sino badala. Ela sente a vibração nos dentes. O vento castiga as mesas e cadeiras acorrentadas do lado de fora de uma cafeteria, sibilando ao passar por entre as grades pontiagudas.

Um homem vestido de preto atravessa apressado a varanda, o sobretudo molhado grudado no corpo, abandonando o guarda-chuva virado pelo vento enquanto avança com seu chapéu trilby encharcado para o banco do passageiro do imponente carro, parecido com um barco.

Quando ela arranca com o carro, ele pega um caderninho e começa a escrever com um lápis.

— O que está fazendo?

— Pensando — responde ele.

Tirando uma garrafinha de conhaque do bolso, ele a oferece ao passageiro que não para de gemer e que tirou uma das luvas de couro e enfiou na própria boca.

O homem balança a cabeça, revirando os olhos apavorados.

— Ah, deixe ele em paz — diz ela. — Passe para cá.

— Você está dirigindo.



— Passe para cá agora. Ou vai ter que seguir a pé.

Eles param no cruzamento da Via Quattordici com a Piazza Settanta pelo que parece uma eternidade, enquanto um tanque Panzer desgastado pela guerra passa, girando a torre lentamente como se estivesse entediado.

— Como isso afeta a missão? — pergunta ela. — Caso a condição dele seja grave?

— Teríamos que arranjar um substituto. Talvez o Angelucci?

— Não daria para treinar o Enzo. Não há tempo.

O granizo atinge violentamente o para-brisa à medida que passam pela prisão de Regina Coeli. Ela acende outro cigarro, e cinzas se espalham no colarinho do seu sobretudo. Os olhos dele estão fechados, e ela tem certeza de que não é por estar rezando.

— Delia, pelo amor de Deus, essa lata velha não pode ir mais rápido, não?

Postes de luz azul incandescente, becos sinuosos que se estendem colina acima, silhuetas alinhadas de mártires nos telhados das igrejas. As lembranças de sua segunda manhã em Roma ressurgem, quando subiu a escadaria até o terraço da Basílica de São Pedro, os detalhes de cada estátua desgastada pelo tempo e pelas tempestades. As estalactites manchadas de fuligem, esculpidas pelas intempéries.

Um portão de fazenda bloqueia o acesso a uma garagem. Ele se aventura sob o aguaceiro, tenta abrir o portão, e seu chapéu trilby sai voando devido à intensidade dos chacoalhões. Sob a luz dos faróis, ele tenta puxar as barras.

— Está trancado — berra. — Sabe dizer se tem uma caixa de ferramentas no porta-malas?

— Afaste-se.

— Delia...

Pisando fundo no acelerador, ela *lança* o possante contra o portão numa colisão barulhenta, estilhaçando-o, e ele volta a entrar no carro, balançando a cabeça pesada e encharcada da chuva, como um homem se perguntando como a vida chegou a esse ponto.

Pela vasta planície, onde ovelhas encharcadas da chuva balem, a estrada ganha altitude e os edifícios do hospital ficam visíveis no horizonte, três blocos de concreto bruto adornados com mastros sem bandeira e estruturas que devem ser tanques de água.

Uma placa de sinalização amarela fluorescente instrui:

Rallentare!



Eles seguem por uma estrada estreita e sinuosa, onde o cascalho está se desgastando, passando por três plátanos doentes e pelo reduto de concreto de uma torre de metralhadora até o pórtico iluminado, onde uma ambulância com a cruz vermelha pintada em cáqui está estacionada, com o motor ligado e três socorristas no banco de trás jogando cartas. Sem motivo aparente, ao verem o Daimler se aproximando, fecham as portas. Logo depois, o refletor de luz se apaga.

Ela sai do carro, mas deixa o motor ligado, roncando.

As portas do hospital estão trancadas, o saguão à frente está mergulhado na escuridão. Ela puxa a corda da campainha três vezes e ouve o toque distante e solitário vindo de algum lugar no centro dos corredores escuros.

Dando um passo para trás, ela ergue o olhar para as janelas fechadas, como se o ato pudesse evocar um vigilante, a esperança de todos os fiéis, mas ninguém aparece, e ao se aproximar da ambulância fechada em busca de ajuda, um assovio vem de trás.

Um enfermeiro na casa dos vinte anos surgiu de uma porta que lhe passou despercebida. Carrancudo, com cachos delicados e cigarro na boca, ele passa a impressão de que estava cochilando até dois minutos atrás. O odor de um cômodo cheirando a mofo o acompanhou. A lanterna em sua mão esquerda pisca sem força, diminuindo a luz já escassa. Na mão direita, ele segura um objeto; ela leva um instante para se dar conta de que se trata de um canivete automático. Ele parece ser alguém que sabe como manuseá-lo.

— Preciso de ajuda urgente para um paciente — diz ela. — Ali. No banco de trás.

— Como se chama? — pergunta ele, com um suspiro, observando a traseira barulhenta do carro.

— Não posso me identificar, faço parte de uma Legação neutra na cidade. Esse homem está seriamente enfermo. Nosso médico oficial o examinou não faz nem uma hora. Segundo ele, pode ser peritonite ou uma apendicite aguda.

— E daí? Sou romano. E *você*, o que é?

— Que diferença faz o que sou? Traga uma maca!

— Você chega cheia de ordens e espera que eu ajude um nazista filho da puta?

— É seu dever prestar assistência a qualquer um.

Ele cospe no chão.

— Toma aí o meu dever — conclui.



O sujeito de preto desce do carro, apoia a mão pesada no teto, lança um olhar severo para o céu como se estivesse contrariado com as nuvens e vira-se aos poucos na direção em que o jovem se encontra.

— Que boca suja é essa?

— Quem quer saber?

— Me chamo O'Flaherty. — Abrindo o sobretudo, ele revela a batina e o colarinho.

— Padre. Perdão, padre. — Ele faz o sinal da cruz. — Eu não sabia.

— O uniforme alemão que o homem no carro está vestindo é um disfarce. Ele estava numa missão de espionagem e ficou gravemente doente.

— Padre...

— Grandalhão, tenho uma pergunta para você. Sabe dizer se tem algum dentista nesse hospital aí?

— Por quê?

— Porque daqui a um minuto você vai precisar de um quando eu fizer seus dentes atravessarem o crânio. Seu toco ignorante, que falta de educação agir assim na presença de uma mulher. Vá ao confessionário amanhã de manhã e peça desculpas agora mesmo.

— Rogo pelo seu perdão, *Signora* — pede ele, curvando a face ruborizada. — Estou há três noites sem comer ou dormir.

— Perdoado — concede ela. — Será que podemos agilizar as coisas?

— O nosso passageiro é o major Sam Derry, um prisioneiro britânico fugitivo do Regimento Real de Artilharia — informa O'Flaherty. — A vida de milhares de pessoas depende deste homem. Se ama a Itália, providencie que ele seja levado para uma sala de cirurgia. Imediatamente.

O jovem o observa com atenção.

O'Flaherty se apressa até a ambulância e abre as portas com força.

— *Andiamo, ragazzi* — fala ele, gesticulando na direção do Daimler. — Mexam-se, rapazes. Precisamos de homens fortes.

Derry sai cambaleando do veículo, tossindo sangue, agarrando-se ao abdômen e à noite.



2

A VOZ DE DELIA KIERNAN

7 de janeiro de 1963

Retirada da transcrição da entrevista de pesquisa da BBC, perguntas inaudíveis, conduzida em White City, Londres

Pode ser que eu exagere na bebida. Isso é algo que precisa ser dito. Eles já devem ter contado, não tenho dúvida. Não precisa se fazer de desentendido.

Estávamos empenhados em criar uma missão — o código era “Rendimento”, que significa “desempenho” em italiano — para aquela véspera de Natal, começando às 23 horas. Mas no domingo, cinco noites antes, Derry, que liderava a missão, adoeceu durante uma operação de reconhecimento, e Angelucci foi enviado para substituí-lo.

Mas você deve estar se perguntando o que levou a isso. E com razão.

Temo que a velhice tenha dado um nó na minha cabeça. Não é que a memória falha, é que às vezes eu misturo as coisas. Então não tenho muita certeza de quando foi que conheci o monsenhor. Foi em Roma durante a guerra. Não me faça elaborar mais do que isso, senão vou precisar de um bom descanso.

Não, não registrei tudo em um diário, meu caro. Nunca tive paciência para isso.

Você tem um cigarrinho aí? Vou precisar de um, já que vamos a fundo nisso.

Obrigada. Não, não precisa. Tenho isqueiro.

Como esposa do diplomata irlandês sênior no Vaticano, eu ia a várias cerimônias oficiais, ouvindo arcebispos discursarem e fazendo de conta que prestava atenção. Mas acredito que tenha encarado como uma espécie de de-



ver fazer o que podia pelos jovens irlandeses da cidade, que em sua maioria eram religiosos.

Ah, eu chutaria que eram uns quinhentos, levando em conta padres e freiras. Tinha muitos seminaristas. Por conta do racionamento, a experiência em Roma durante a guerra não foi muito prazerosa — não se via um repolho ou um filezinho de frango em meses. Eram nabos com casca áspera. Bolachas de água e sal com gosto de serragem e cinzas. As salsichas tinham tão pouca carne, que dava para comê-las numa Sexta-feira Santa.

E boa parte dos jovens mal tinha saído da adolescência. Hoje em dia os chamaríamos de adolescentes. Na época não usávamos esse termo. Eles aparentavam estar — como posso explicar? — meio deslocados. E esgotados. Jovens com inclinações religiosas costumam ser bons em passar a noite acordados, já que é preciso imaginação para crer.

Alguns mal tinham saído das fraldas e já estavam de olho na carreira religiosa. Alguns faziam você se perguntar se a ideia não vinha mais da mãe do que deles. E com frequência, alguns não vão gostar de ouvir isso, uma freira era a caçula de uma família pobre, sem outras perspectivas. Ou era facilmente influenciável na adolescência, como a maioria de nós. Uma madre superiora mais idosa parte em busca de novas vocações numa escolinha em Hutchesontown, Glasgow. Uma Mariazinha levanta a mão, acabou de completar treze anos. Mariazinha tem uma grande devoção por Nossa Senhora e pelas flores no altar. E é assim que Mariazinha é despachada para o convento, pelo resto de sua vida. Claro que nem sempre é o que acontece, mas tenho minhas dúvidas. Minhas sérias dúvidas.

Seja como for, era isso, só empatia por esses jovens. Naquela época, a gente testemunhava pessoas em Roma com muito medo e fome. Além disso, foi um verão absurdamente quente, com um calor escaldante e debilitante. Os jardins da encantadora *villa* onde ficava nossa Legação dispunham de uma piscina, e eu fazia questão de mencionar em todos os eventos que todos os jovens irlandeses na cidade podiam usá-la e informava os números dos bondes que os levariam até lá saindo da Piazza del Risorgimento, que fica bem ao lado do Vaticano. Meu pobre Tom quase perdeu a paciência comigo e insistiu que, no mínimo, os homens deveriam ir em um dia e as mulheres em outro.

“Você não sabe se divertir”, falei para ele. “Mas foi justamente por isso que me casei com você.”